



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PEDAGOGIA**

**MARIA JOSÉ BISPO DOS SANTOS DO CARMO**

**LEITURA E ESCRITA**

**REFLEXÕES RELACIONADAS À PEDAGOGIA**

**Salvador**

**2011**

MARIA JOSÉ BISPO DOS SANTOS DO CARMO

**LEITURA E ESCRITA**

**REFLEXÕES RELACIONADAS À PEDAGOGIA**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lícia Maria Freire Beltrão

**Salvador  
2011**

Um galo sozinho não tece uma manhã

João Cabral

Os galos que tecem a manhã evocam os leitores que tecem o significado dos textos  
com que se deparam ao longo da vida.

Marisa Lajolo

A Deus : Pai, Filho e Espírito Santo, pela dádiva da vida, saúde e sabedoria, pelas experiências vividas e pelas amizades construídas ao longo dessa jornada;

a meus pais - naturais e de criação, em especial, à minha mãe, porque, mesmo sem estudos, não titubiou em me colocar e conservar na escola, por ter ajudado a me tornar o que sou, pela dedicação e pelos conselhos que me deram;

a meus irmãos e amigos, pelo apoio e companheirismo;

a meus chefes: Alabi, Antonio e Ed'Lauro, pelo incentivo;

às minhas colegas de trabalho Cristina, Luzenilda, Vera, Gilcélia, Adailton e Raimundo e principalmente Jacira com quem trabalho diretamente, pela colaboração;

a Vera, sua filha Tamiles e a sua irmã Vilma, pela ajuda que me deram com meus filhos para que eu pudesse estudar, e a todos que de uma forma ou de outra colaboraram comigo.

à Banca examinadora, pelas leituras e contribuições;

às minhas professoras,

Lourdes Schitini, pelo amor carinho e dedicação, meu principal incentivo para assumir a docência;

Mary Arapiraca, por ter despertado em mim o amor pela alfabetização;

Lícia Beltrão, orientadora, pelo conhecimento partilhado, experimentado, vivenciado,

minha imensa gratidão.

A meus pais, filhos, marido, irmãos, entes queridos, que trilharam juntos comigo nessa jornada, de modo presencial ou não.

A meus mestres, pela demonstração de exemplo , pela compreensão que passaram para mim sobre a extensão e o valor do ser mestre, de ser professora,

dedico esta monografia.

## RESUMO

Este estudo está voltado para a leitura e a escrita, considerando o lugar de sua aprendizagem que é a escola, com o objetivo de compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem, em uma classe de primeiro ano, á que considero que é nesse ano (série) escolar, onde as experiências sistematizadas vão acontecer e é de enorme importância o acesso da criança ao mundo da leitura. Como a compreensão exige reflexão, associo a esse objetivo outro: o de fazer reflexões sobre a leitura e escrita relacionadas com as questões pedagógicas. Para alcançar os objetivos da pesquisa, desenvolvi dois procedimentos: um que caracterizou a pesquisa bibliográfica e outro que caracterizou a pesquisa de campo. Na bibliográfica, busquei os fundamentos teóricos de autores nacionais e estrangeiros do meio acadêmico e que se dedicam ao estudo desses objetos. Fiz resumos e, com eles, escrevi os capítulos iniciais. Para ampliar o conhecimento das concepções de leitura e da importância da mesma para o desenvolvimento pedagógico no ensino/aprendizagem dos estudantes, é que fui à escola, campo de pesquisa, observar a prática de leitura realizada, durante os meses de maio e junho. As observações realizadas em sala de aula, no primeiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal Austríliano de Carvalho foram orientadas por um roteiro. Em seguida, foram analisados os dados conseguidos, através de leituras do que estava explícito e implícito. Os resultados mostram sobre a importância das concepções de leitura e escrita defendida pelo professor para o desenvolvimento adequado dos alunos.

Palavras – chave: leitura; escrita; alfabetização; letramento

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1. CONTEXTUALIZANDO A LEITURA E A ESCRITA</b> .....	12
1.1 O início .....	12
1.2 A leitura e a escrita: importância .....	14
1.3 Leitura e escrita: questões conceituais.....	15
1.4 Escrita .....	16
<b>2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO : ANOTAÇÕES</b> .....	18
2.1 Alfabetização .....	18
2.1.1 Alfabetização no sentido amplo .....	18
2.1.2 Alfabetização no sentido restrito .....	19
2.2 Letramento .....	20
<b>3. LEITURA : DIFERENTES ENFOQUES</b> .....	21
<b>4. APREENSÃO DA LEITURA E DA ESCRITA</b> .....	25
<b>5. A PESQUISA DE CAMPO</b> .....	28
5.1 A Escola Municipal Austriciano de Carvalho .....	28
<b>6. AS OBSERVAÇÕES</b> .....	31
6.1 Interação da criança com o texto .....	33
6.2 A família como fator determinante .....	33
<b>7. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

Sempre fui uma criança privilegiada e muito abençoada no que diz respeito à leitura. A minha mãe, apesar de não ter um contato direto com os livros, foi quem nos ensinou, a mim e a meus irmãos, as primeiras letras, utilizando como instrumento a cartilha do ABC. Além disso, sempre nos contava muitas histórias.

Essa experiência foi continuada por D. Ernestina, senhora muito simples e bondosa. Era como nossa avó. Com ela, aprendi a decodificar, a ler as palavras das cartilhas. Mais tarde, essa experiência se ampliou com a jovem Lúcia que me pôs em contato com outras atividades de leitura. Agia sempre com muita paciência. Com relação à escrita, me lembro das dificuldades em desenhar as letras. De tanto treinar, um dia, me vi escrevendo sem dificuldade alguma. Parecia que sempre havia feito aquele ato. Isso me trouxe tanta alegria que não consigo explicar o tamanho da felicidade que passei a ter.

Desde os meus sete anos de idade, que tenho o prazer de conviver com uma enorme variedade de livros e os mais diversos tipos e gêneros textuais. Esse contato com a leitura se dava na biblioteca da minha escola, Prado Valadares, era a minha segunda casa. Lá, era possível esquecer as agrúrias da vida, deslumbrar-me com as histórias infantis e penetrar na fantasia dos contos de fadas. Encontrava, também, o espaço para outras leituras.

Ao adentrar a biblioteca, já me encontrava em outro mundo. Nesse espaço, não havia proibição quanto ao uso dos livros. A única coisa que se exigia era o cuidado ao manuseá-los. Os meus recreios eram os momentos mais incríveis da minha vida, Pois sabia que tinha um lugar muito maravilhoso para me divertir.

Essa acessibilidade aos livros continuou na escola seguinte, Centro Escolar Senador Pedro Lag (na época, Complexo Escolar), onde frequentei da quinta à oitava série. A partir daí, vieram as revistas e os jornais em complemento aos livros. Nesse momento, já começava a dar os primeiros passos na produção dos meus próprios textos. Assim, rossegui na escola.

Ao ingressar na universidade, tive a oportunidade de conhecer outras formas de escrita, leitura e produção de textos. Encantei-me com Roseana Murray, ao ser apresentada a ela, Através do seu Manual da Delicadeza, na Oficina de literatura:

porque ler...Fiquei sabendo que *Roseana Murray*<sup>1</sup> nasceu no Rio de Janeiro, em 27 de junho de 1950. É uma poetisa e escritora de obras infanto-juvenis brasileira.

Quando criança, gostava muito de ler, "tudo o que tinha disponível", segundo a própria autora. Gostava muito do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Tesouro da Juventude, Contos de Fadas, entre outros. É formada em Língua e Literatura Francesa, pela Aliança Francesa, Universidade de Nancy. Mora em Saquarema, cidade de que é cidadã honorária. Começou a escrever poesia para crianças em 1980, com o livro *Fardo de Carinho*, influência direta de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles.

A autora publicou mais de cinquenta livros, entre eles *Classificados Poéticos* (Ed. Miguilim, 1984), *Falando de Pássaros e Gatos* (Edições Paulus, 1987) e *Receitas de Olhar* (Ed. F.T.D, 1992). Recebeu por três vezes o Prêmio de Melhor de Poesia pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Prêmio APCA, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor livro infantil e faz parte da Lista de Honra do I.B.B.Y. Trabalha em Saquarema com o Projeto Uma Onda de Leitura junto com a Secretaria de Educação. Procura em suas obras mostrar maneiras de viver melhor.

Num outro momento, o encanto se deu, por certa menina que tinha mania de explicação. *Mania de explicação*, livro publicado por Adriana Falcão<sup>2</sup>. Me levou a conhecê-la. Nasceu no Rio, em 1960, mas passou boa parte de sua vida em Recife. O sotaque e a vocação para humor não negam seu lado pernambucano. Foi lá que ela se formou em arquitetura, profissão que nunca exerceu. Casou-se com João Falcão e teve três filhas, Tatiana, Clarice e Isabel. Roteirista da TV Globo, escreve para séries como *Comédias da Vida Privada* e *A Grande Família*, além de roteiros para cinema.

Em *Mania de explicação*, livro que já fiz referência, fala sobre uma menina que gostava de inventar uma explicação para cada coisa.

"Explicação é uma frase que se acha mais importante do que a palavra" diz ela

Aprendi e estou ainda aprendendo a ser como um garoto chamado Catapimba, uma criação de Ruth Rocha. Descobrimos coisas novas, novos caminhos e abrindo-me para a reflexão e a continuidade desse aprendizado. Catapimba é um garoto legal. Amigo da turma toda, centroavante e secretário do

---

<sup>1</sup>Os dados biográficos de Roseane Murray foram extraídos do site: Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>2</sup>Os dados biográficos de Adriana Falcão do site: [pensador.uol.com.br/autor/adriana\\_falcao/biografia/](http://pensador.uol.com.br/autor/adriana_falcao/biografia/)

Estrela-D'Alva Futebol Clube. Com ele o tempo só esquenta, quando o Armandinho não apita o jogo direito. Nos livros desta série, cada história é uma aventura, sempre contada daquele jeito gostoso, característico de Ruth Rocha! Em *O piquenique do Catapimba a Turma da Nossa Rua* vai se divertir bastante. E vai descobrir uma nova maneira de ver a turma do Sai-da-frente, moradores da rua de baixo.

Sobre Ruth Rocha<sup>3</sup>, li que nasceu em 1931 em São Paulo, capital, onde sempre viveu. Foi orientadora educacional e editora. Começou a escrever artigos sobre educação para a revista *Cláudia*, em 1967. Em 1969 começou a escrever histórias infantis para a revista *Recreio*. Em 1976 teve seu primeiro livro editado. De lá para cá publicou mais de cem livros no Brasil e vinte no exterior, em dezenove idiomas.

Conhecer personagens interessantes e escritoras como os que citei, tudo isso me fez dar um outro significado às ações de ler, escrever e narrar. Passando a compreender a leitura de modo mais concreto, como uma ação que depende de mim, reconheci a importância da leitura, para nos fazer discernir certos valores que estão menosprezados pela sociedade contemporânea, tais como, generosidade, cooperação, solidariedade, amizade, união. E da escrita que nos transporta para tempos e lugares visitados pela imaginação e nos informa. Foi organizando os fios do aprendizado que segui na minha formação acadêmica, com intenções de me dedicar sempre a estudos sobre leitura e escrita.

No momento de escolha do tema da minha monografia de conclusão de curso, optei pela leitura e a escrita, considerando o lugar de sua aprendizagem que é a escola, com o objetivo de compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem, em uma classe de primeiro ano, já que considero que é nesse ano (série) escolar, onde as experiências sistematizadas vão acontecer e é de enorme importância o acesso da criança ao mundo da leitura. Como a compreensão exige reflexão, associei a esse objetivo outro: o de fazer reflexões sobre a leitura e escrita relacionadas com as questões pedagógicas.

Para que fossem alcançados os objetivos da pesquisa, desenvolvi dois procedimentos: um que caracterizou a pesquisa bibliográfica e outro que caracterizou a pesquisa de campo.

---

<sup>3</sup> Os dados biográficos de Ruth Rocha foram extraídos do site: [salamandra.com.br/book.\\_titulo=10021666](http://salamandra.com.br/book._titulo=10021666)

Na pesquisa bibliográfica, busquei os fundamentos teóricos de autores nacionais e estrangeiros do meio acadêmico e que se dedicam ao estudo desses objetos. Fiz resumos e, com eles, escrevi os capítulos iniciais.

Para ampliar o conhecimento das concepções de leitura e da importância da mesma para o desenvolvimento pedagógico no ensino/aprendizagem dos estudantes, é que fui à escola, campo de pesquisa, observar a prática de leitura realizada, durante os meses de maio e junho. A Escola da Rede Municipal intencionalmente escolhida foi, em razão, de atender à realização da pesquisa.

As observações realizadas em sala de aula, no primeiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal Austrícliano de Carvalho foram orientadas por um roteiro. Em seguida, foram analisados os dados conseguidos, através de leituras do que estava explícito e implícito.

Para apresentar a pesquisa bibliográfica e de campo, estruturei a monografia em capítulos, conforme pode ser lido a seguir.

## 1. CONTEXTUALIZANDO A LEITURA E A ESCRITA

### 1.1 O início

Para escrever sobre a história da escrita e sobre a leitura, fiz a pesquisa, predominantemente, na Wikipédia. Conforme o que eu li, há milhões de anos, a humanidade busca a comunicação entre si. Na idade antiga, os homens já faziam isso, pintando nas paredes das cavernas, como por exemplo: figuras de animais. A essa pintura foi dado o nome de arte rupestre<sup>4</sup>. Devido à praticidade, as formas tornaram-se mais simples e abstratas. O aparecimento da escrita está datado por volta de 3.500 a 4.000 a.C., da passagem da Pré-História para a História propriamente dita. As escritas mais antigas já conhecidas são a cuneiforme e os hieróglifos. Sistemas criados entre os Sumérios. A escrita cuneiforme na Mesopotâmia, (atual Iraque) e os hieróglifos com origem no antigo Egito.

A primeira sociedade a fazer uso extenso do alfabeto foi a Fenícia. O alfabeto fenício é conhecido como ancestral de todos os alfabetos modernos. Com a expansão do comércio marítimo e a necessidade de se registrar de forma permanente, os fenícios espalharam o uso do alfabeto até o Norte da África e Europa, onde foi adotado pelos antigos gregos, que passaram aos etruscos, que por sua vez repassaram aos romanos, tornando-se o marco principal, a distinção entre o estágio bárbaro e o estágio civilizado da organização social. Ainda assim, na antiguidade o conhecimento era transmitido oralmente e com isso os ensinamentos era baseados na arte da oratória, por meio de diálogos que os mestres ensinavam aos aprendizes. Devido às dificuldades existentes em publicar e divulgar, o leitor era um ouvinte.

Pesquisas realizadas apontam que uma das principais consequências do surgimento das cidades e dos Estados foi a escrita, criada por volta de 3500 a.C. Vários são os fatores que explicam o nascimento da escrita. Dentre eles, a necessidade de contabilizar os produtos comercializados, os impostos arrecadados e os funcionários do Estado; o levantamento da estrutura das obras, que exigiria a

---

<sup>4</sup> Os dados biográficos sobre a pintura denominada arte rupestre foram extraídos do site: wikipedia, a enciclopédia livre., pt.wikipedia.org/wiki/Pré-história.

criação de um sistemas de sinais numéricos, para a realização dos cálculos geométricos.

De acordo essas pesquisas, com a escrita, o ser humano criou uma forma de registrar suas ideias e de se comunicar. A linguagem escrita é especial, porque permite que a vida que levamos hoje seja conhecida pelas gerações que virão depois de nós.

Ainda de acordo com as mesmas, o registro mais antigo até agora encontrado data do século XIV a.C. e está escrito em símbolos cuneiformes da língua acadiana. O pedaço de barro escrito foi achado em Jerusalém por arqueólogos israelenses.

Curioso é que li sobre a invenção da escrita, mas não li sobre a invenção do leitor. Sobre esse assunto, a minha orientadora me apresentou Alberto Manguel e sugeriu que eu lesse o que ele diz sobre isso. Eis o que ele diz:

escrever não é o único invento que nasceu no instante daquela primeira incisão: uma outra criação aconteceu no mesmo momento. Uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado – isto é, lido –, a incisão criou simultaneamente o leitor. [...] O escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos, mas esses signos e mensagens precisavam de um mago que os decifrasse, que reconhecesse seu significado, que lhes desse voz. Escrever exigia um leitor. [...] MANGUEL (1997, p. 207)

De acordo com as pesquisas, nos dias atuais, a leitura e a escrita alcançaram importância muito grande. Sobre a leitura, especificamente, Lajolo e Zilberman (2009, p. 17) dizem que a leitura está na moda, e a informação está em pauta. Ainda dizem que há mais de vinte anos, a leitura e seus arredores entraram em todas as agendas: a política, a educacional, a acadêmica.

A sua importância é tal que, nesse sentido, têm sido consideradas, como comandos básicos de um ser, como forma principal de comunicação e sobrevivência. Em épocas antigas, essas duas maneiras de comunicação eram vistas como prestígio, riqueza, luxo, porém, em dias atuais, são essenciais e não podem ser desprezadas.

## 1.2 A leitura e a escrita: importância

E, conforme essas pesquisas, a linha que divide a pré-história e a história<sup>5</sup> é atribuída ao tempo em que surgiram os registros escritos. A importância da escrita para a história e para a conservação de registros vem do fato de que estes permitem o armazenamento e a propagação de informações não só entre indivíduos (privilegio também da linguagem), mas também por gerações que virão.

De acordo com levantamentos de entidades governamentais e não governamentais, o analfabetismo no Brasil é grave. Os dados vêm preocupando as autoridades brasileiras. (governo, profissionais da área, e entidades sociais), tentam encontrar soluções para o problema, mais o mesmo está longe de ser resolvido. São dados que deixam bastante apreensiva, não só as autoridades, mas a sociedade em geral.

Conforme as pesquisas realizadas no campo da leitura e da escrita, a maioria dos estudantes leem apenas 1,8 livro por ano<sup>6</sup>. Porque os nossos jovens estão se desinteressando pela leitura? Por que muitos não conseguem ler nem mesmo o que escrevem? Como fazer para que os mesmos consigam se envolver com a leitura, mostrando gosto pela leitura e compreensão sobre a importância do ato de ler, para a vida intelectual, social e política? Por que eles têm tanta dificuldade com a produção escrita? Qual a importância que a leitura exerce na vida desses aprendizes? São perguntas para as quais se busca respostas.

O desinteresse de alguns alunos pela leitura se dá devido à falta de conhecimento e de compreensão dos usos sociais da escrita, o contato com textos desinteressantes e sem atrativos, que despertem a curiosidade nos leitores de modo que os mesmos construam e reconstruam suas próprias hipóteses.

São razões também, para isso, a falta de espaços dedicados à leitura, no interior da maioria das escolas públicas. Local onde se pode proporcionar ao aluno o

---

<sup>5</sup> Os dados biográficos sobre a linha que divide a história e a pré-história, foram extraídos do site: wikipédia, a enciclopédia livre., pt.wikipedia.org/wiki/Pré-história.

<sup>6</sup> Os dados biográficos sobre a porcentagem de livros lidos por estudantes ao ano, foi extraído do site: cultura.gov.br/site/2008/1/17/brasileiro-le-18-livro-ao-ano/

gosto aliado ao prazer da mesma; a retenção dos livros, por medo de os alunos destruírem, não lhes dando a devida liberdade para manuseá-los.

Essas questões são muito sérias e precisam de uma grande e especial atenção, da parte dos que estão preocupados, em fazer com que essas crianças adquiram o interesse pelo aprendizado, com relação à leitura e escrita.

Segundo Carvalho (2002), se o alfabetizador conduzir sua prática de forma a demonstrar que a leitura e a escrita assumem uma função na vida social dos estudantes, aqui e agora, e não num futuro distante, é provável que o indivíduo se sinta mais motivado para o esforço que a aprendizagem exige.

Muitas crianças não aprendem da forma como seus pais e mestres desejam que aprendam, tornando-se, apenas, copistas. Esse é um motivo para que a aprendizagem da leitura se torne tema de discussões. Escrever é uma forma de comprovar que a aprendizagem desse objeto, a escrita, está ocorrendo. Mas não pode ser somente copiar.

Escrever, entretanto,, não é uma tarefa tão fácil e, sim, complicada, porque não falamos da mesma forma como escrevemos. Para escrever é preciso procurar as palavras certas, uma boa argumentação, vocabulário adequado, para não dar margens à distorção dos fatos e incompreensão por parte do leitor, mesmo se sabendo que ele tem liberdade de mostrar a sua compreensão sobre aquilo que for ler.

### **1.3 Leitura e escrita:questões conceituais**

As concepções de leitura são muitas. Escolhi abordar do ponto de vista de três estudiosos.

Início trazendo a concepção de Kleiman (1993). Para ela, a leitura é considerada uma prática social que remete o texto lido a outros e outras leituras e, sobretudo, como um processo cognitivo de construção de sentido para o texto em que o leitor (produtor de sentido) utiliza diversas estratégias cognitivas baseadas em conhecimentos prévios e em interações (leitor-texto e leitor autor).

Para Foucambert (1994), a leitura é uma atividade do olhar. De diferentes maneiras ela revela essa concepção. Segundo ele, com sua prática se formula um juízo sobre a escrita, no ato de questionar e explorar o texto na busca de respostas

– textuais e contextuais – de forma que gerem uma ação crítica do sujeito no mundo.

Ele diz ainda:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.  
(FOUCAMBERT, 1994, p. )

Sendo assim, é presumível que para se alcançar uma compreensão do texto através de sua leitura crítica é necessário que se perceba as relações entre o texto e o contexto e se considere conhecimentos já constituídos pela leitura em outras experiências.

Para Freire (2009), a leitura do mundo é bem anterior às leituras feitas nos livros.

ler é um processo que envolve uma compreensão crítica que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e alonga a inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra. (FREIRE, 2009, p.11)

#### **1.4 Escrita**

A escrita ou grafia consiste na utilização de sinais (símbolos) para exprimir ideias humanas. A grafia é uma tecnologia de comunicação, historicamente criada e desenvolvida na sociedade humana. E basicamente consiste em registrar marcas em um suporte. Mesmo que, habitualmente, a função central atribuída à escrita seja a de registro de informações, não se pode negar sua relevância para a difusão de informações e a construção de conhecimentos.

Essa tecnologia não se aprende naturalmente. É necessário que o professor compreenda que ela é um objeto do ensino.

Com o advento de outras tecnologias e seu uso na escola, às vezes, existem comentários, assim como existem sobre o fim do livro, que a escrita tende a desaparecer, que, hoje em dia, se escreve com muita economia, abreviando palavras. Para Foucambert (1994, p. 113), entretanto

A escrita não desaparecerá; não será, como o sânscrito ou o latim, assunto de alguns eruditos ou estetas. Continuará sendo um meio sempre mais eficaz e disponível para conhecer, compreender, emocionar, sonhar, aprofundar, comparar. Não um meio imperialista, que

isola o leitor do mundo, mas, ao contrário, uma via flexível de acesso e abertura [...]

É preciso, portanto, aproveitarmos esse sentido de que a escrita é uma via flexível de acesso e abertura e acompanharmos o seu desenvolvimento para realizarmos práticas escolares adequadas.

Como é na escola, no período em que as crianças estão se alfabetizando que o ensino sistematizado sobre a escrita e a leitura ocorrem é que passo para o próximo capítulo, escrevendo sobre o assunto e sobre letramento.

## **2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO : ANOTAÇÕES**

### **2. 1 Alfabetização**

O processo de alfabetização, para Magda Soares (1985) corresponde a um conjunto de habilidades de leitura e escrita, com características que fazem do processo um fenômeno complexo e multifacetado. A alfabetização pode ser também um processo de representação de fonemas em grafemas e vice e versa, envolvendo um processo de compreensão e expressão de significados.

O processo acontece de modo gradual. De um modo “técnico” e se fazendo uso social da escrita. De modo técnico, o aluno deve dominar as relações de decodificação e codificação de fonemas e grafemas, fazendo uso social o aluno deve compreender a escrita e a leitura em suas práticas sociais.

É um processo, portanto, que não se resume apenas na aquisição das habilidades mecânicas (codificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar, resignificar e produzir conhecimento.

Essas capacidades só serão concretizadas se os alunos tiverem acesso a todos os tipos de portadores de textos. Envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral. Pois a mesma promove a socialização do indivíduo, já que o conhecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, proporciona o acesso a bens culturais e as facilidades oferecidas pelas instituições sociais. Além de ser, um fator propulsor do exercício constante da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

#### **2.1.1 Alfabetização no sentido amplo**

O ensino da leitura é necessário para que o leitor desenvolva o discernimento do que é o real e o que é falso (Soares, 2003). Sendo que a leitura pode ser feita diversos modos. E que para descobrir o verdadeiro sentido da mensagem o mesmo precisa ler nas entrelinhas. Quando o aluno lê um bom livro, entra em comunicação com poetas, filósofos, literatos, cientistas, entre outros. É

com a leitura que o mesmo adquire a base para a aquisição de uma cultura e por isso é que ela é o alicerce para a aprendizagem escolar.

Depois da fala, a escrita é um dos principais instrumentos do processo de comunicação e expressão, O homem utiliza-se da linguagem escrita para expressar suas idéias, através da linguagem.

É de extrema responsabilidade a importância do professor com a alfabetização especialmente a do professor de 1º ano. Disso dependerá o sucesso da criança. Portanto, deve estar preparado e bem informado sobre as condições da aprendizagem da leitura e da escrita, de maneira que possa conduzir o processo de alfabetização, preparar, identificar e assistir os alunos que estiverem com maiores dificuldades e adequar os métodos ao nível da classe e às características da língua a ser ensinada. Ter bom relacionamento com o aluno, tanto pela competência técnica quanto pelo relacionamento afetivo e interpessoal que estabelecerá com os seus alunos.

Entendida em seu sentido amplo, a alfabetização traz implícita a ideia que ela não é tarefa exclusivamente do 1º ano, mas que se constitui em um processo contínuo que seguirá por toda a vida escolar. Cabendo a todos os professores ficarem atentos para que a aprendizagem da leitura e da escrita se consolide. Porém, é necessário dar um limite para o que seja o conceito de alfabetização. Entendido como um período em que o aluno realiza a aquisição inicial da leitura e da escrita. Essas considerações foram feitas com base em Magda Soares através dos estudos literários.

### **2.1.2 Alfabetização no sentido restrito**

É o processo pelo qual o aluno adquire as habilidades básicas de leitura e de escrita. Isso significa que é, nesse momento, que o código escrito deverá ser ensinado em correspondência com o código oral, possibilitando ao aluno decifrá-lo ( leitura, decodificação) e assim, utilizá-lo com compreensão (escrita, codificada).

De acordo com Abud (1987), devemos levar em consideração que a língua escrita não representa fidelidade dos fonemas da língua oral. Só em casos raríssimos, há essa correspondência entre fonemas e grafemas, além da especificidade morfológica, sintática e semântica da língua escrita. Saber ler implica

na capacidade de reagir à leitura feita, onde o leitor vai interpretar os textos que lê de acordo com seus conhecimentos, sua experiência, sua cultura.

Especificamente, a alfabetização pode apresentar-se do ponto de vista mecânico da língua escrita, onde ler e escrever significam adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita; ou da compreensão e expressão de significado expressos em língua escrita.

## 2.2 Letramento

É o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. (SOARES, 2003)<sup>7</sup> ou seja, é a capacidade que um grupo social ou o indivíduo tem de não somente ter se apropriado da escrita e da leitura, mas fazer usos no seu dia a dia, correspondendo às exigências que lhe são feitas. Ainda segundo Soares, o correto é usar letramento, no plural, pois em cada área de estudo existe a possibilidade de o aluno ir se “letrando”. Assim, o professor de geografia tem que ensinar seus alunos a ler mapas, por exemplo. Cada professor, portanto, se torna responsável pelo letramento em sua área. A educadora argumenta ainda que a criança precisa ser alfabetizada, convivendo com material escrito de qualidade, pois, assim, ela se alfabetiza sendo, ao mesmo tempo, letrada. É possível alfabetizar letrando por meio da prática da leitura e escrita. Para isso, Magda diz ser preciso usar jornal, revista, livro.

Ela diz ainda que alfabetizar letrando exige que o professor não descuide da especificidade do processo de alfabetização. A especificidade é ensinar a criança e ela aprender. A criança precisa entender a tecnologia da alfabetização. Há convenções que precisam ser ensinadas e aprendidas, pois trata-se de um sistema de convenções com bastante complexidade.

Então, uma vez que alfabetizar letrando exige certas especificidades, me volto, agora, para tratar da leitura sob diferentes enfoques.

---

<sup>7</sup> Os dados biográficos referentes ao Letramento, foram extraídos da Wikipedia a enciclopédia livre., [portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf)

### 3. LEITURA : DIFERENTES ENFOQUES

A leitura pode ser vista e tratada do ponto de vista pedagógico, sob diferentes enfoques: o psicológico, o psicolinguístico, o social.

Do ponto de vista psicológico, segundo Abud (1987), a criança deverá estar pronta para ler e escrever por volta dos sete anos de idade, porém, algumas, por possuírem um ritmo lento de maturação, só estarão aptas aos oito ou nove anos e outras ainda necessitam de acompanhamento e esforço durante toda sua vida escolar.

Do ponto de vista psicolinguístico, o sucesso da alfabetização independe do emprego de bons métodos de ensino, sem negar que os métodos facilitam a aprendizagem, quando usados com os processos de ensino adequados às situações específicas de grupos de alunos. Mas a sua eficácia depende da coerência existente entre o plano pedagógico e a língua a ser ensinada. Porém, é necessário que se conheça muito bem as características e exigências da língua escrita, para que seja possível a elaboração de um plano acional de ensino e a escolha adequada do conteúdo a ser transmitido. Seguindo uma sequência lógica de gradação de dificuldades, de acordo com a metodologia adotada, para que haja o domínio adequado dos elementos que fazem parte do processo de alfabetização.

À criança deverá ser permitido que escreva o que desejar, agindo assim estará estimulando, possibilitando que ela reflita sobre o que faz. Quando considerar um aluno alfabetizado? O aluno que domina o processo de formação da palavra, sabendo reconhecer as sílabas que a compõem, bem como os fonemas existentes na estrutura da sílaba, podemos considerar que esse aluno está em processo adequado de alfabetização. Existe um mundo vasto de imaginação em cada pessoa, que a torna capaz de viajar por lugares inimagináveis, principalmente nas crianças que são especialistas em imaginar coisas. Mas é a leitura que nos torna capazes de criar novas ideias. É preciso que pouco a pouco a criança se envolva com a leitura, gostando do que ela proporciona.

Em concordância com Abramovich (1997, p. 138), o interesse pela leitura deveria ser maior na sociedade em que vivemos e que idealizamos. Seria um meio de se ampliar a capacidade de falar e escrever de se agregar um maior vocabulário. E mais, a leitura não deveria ser vista como um dever, e sim como conhecimento que ninguém tira da gente.

Do ponto de vista social, o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto para que possa ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo e extrair dele o que lhe interessa no momento, assim, quando, mais adiante, o leitor se deparar com o mesmo assunto ele possa relacionar as informações novas com o conhecimento anteriormente adquirido. Como diz Souza (1995,p.61) : “assegurar aos educandos, através da leitura, escrita e cálculo, a aprendizagem escolar tornou-se uma difícil tarefa, porque ensinar a ler é muito complexo”.

E ler de acordo com os linguistas, não é coisa tão simples. De acordo com Ataliba de Castilho, ensinar Português como língua materna é muito mais refletir sobre a língua do que qualquer outra coisa. De início, caberia à escola, a valorização dos seus hábitos culturais para que os alunos adquiram novas habilidades que são desconhecidas dos pais, refletindo sobre o conhecimento linguístico que os alunos possuem.

A escola poderia inicialmente valorizar seus hábitos culturais, levando-o a adquirir novas habilidades desconhecidas dos seus pais. O ponto de partida para a reflexão gramatical em sala de aula será o conhecimento linguístico de que os alunos dispõem ao chegar na escola: a **conversão**. O ponto de chegada será a observação do conhecimento lingüístico, “**o outro**” expresso nos textos de interesse prático (jornais, revistas de atividades) e nos textos escritos literários, cujo projeto estético será examinado”.

CASTILHO, 2001

Segundo Carlos Martins (1990, p. 69), muitos são os interesses que têm levado Bourdieu a se preocupar com o estudo do sistema de ensino. Um dos fatores está relacionado à contribuição específica que a dimensão da vida social fornece para a formação de *habitus*, considerando que a escola é uma das agências formadoras de *habitus*. E que o saber escolar separa os indivíduos que estiverem expostos à sua ação daqueles que, por diversas razões, foram excluídos de sua influência sistemática e contínua.

A cultura escolar, enquanto uma das agências formadora de *habitus*, (ele destaca, também a importância do *habitus* transmitido pela família, enquanto elemento ordenador da experiência do real) propicia aos indivíduos a ela submetida, um corpo comum de categorias de

pensamento, de código comum, de percepção e de apreciação, que tendem a funcionar como forma de classificação dos homens e das coisas.

O saber escolar separa o indivíduos que estiverem expostos à sua ação daqueles que, por diversas razões, foram excluídos de sua influência sistemática e contínua. Em seu entendimento, o sistema escolar proporciona aos agentes que estão sob o seu raio de ação muito mais que esquemas de pensamentos particulares e particularizados, mas um sistema complexo, de disposições, capaz de funcionar como estruturas classificatórias, possíveis de serem aplicadas em situações as mais diversas”.

(MARTINS, 1990 p.69).

De acordo com as pesquisas realizadas no campo da leitura, já é marcado que o principal desafio dos governos, estabelecimentos de ensino e docentes, no meio escolar, é proporcionar ao aluno o aprendizado da lectoescrita.

Mas como conseguir que as crianças venham a gostar de ler? Como fazer compreenderem a importância do ato de ler, para a sua vida social intelectual e política? Como envolver esse aluno no mundo da leitura e da escrita, para que se transforme num leitor ativo, sem que com isso, venha a sofrer coerção ou determinação alheia? Quando o que se pode observar, dentro da maioria das escolas públicas brasileiras, é a ausência de espaços para leitura e livros que lhes proporcionem o gosto e prazer para tal. E que às vezes quando esses livros existem, os alunos não têm a liberdade para manuseá-los?

Essas são questões muito sérias, que precisam de uma grande e especial atenção, da parte dos que estão preocupados em fazer com que as crianças se tornem interessadas pelo aprendizado com relação à lectoescrita. Não se deve intervir no aprendizado dos estudantes , com a determinação de fazê-los fixar algo, que queremos, prevendo que dessa forma irão se interessar mais.

Determinar não é intervir, não é fixar. Não é a rigor, nem prever, no seu sentido conteudístico. É conhecer o princípio de funcionamento, é saber as condições de realizações.

O sujeito se faz em um movimento de entrega e de resistência. A resistência, aliás, é ela própria movimento do sujeito para uma posição que não submete inteiramente à coerção. É a prática de deslocamento do sujeito em uma direção a um lugar em que constrói um poder dizer.

ORLANDI, 1998

#### 4. APREENSÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Considerando as reflexões já trazidas sobre os objetos leitura e escrita e sobre os processos de aprendizagem, podemos dizer que a apreensão da leitura e da escrita não pode se dar de forma meramente mecânica por decodificação. Pois, aprender a ler e escrever é construir um sistema de representação muito complexo, por meio do simbolismo onde as letras representam sons. Por outro lado, a apreensão e compreensão de significados são expressos em língua escrita (ler) ou através da língua escrita (escrever). Isso faz com que a leitura seja muito mais que um ato mecânico e o leitor seja capaz de compreender as ideias, as mensagens que estão contidas no texto.

Neste caso, saber ler implica na capacidade de reagir ao que os textos apresentam, interpretar os textos que lê de acordo com seus conhecimentos, sua experiência, sua cultura.

Não se pode dizer que uma criança lê, se ela apenas decodifica, se não compreende o que leu no texto, porque essa leitura passa a ser desinteressante, desprazerosa e desmotivadora. Apenas decodificando e não compreendendo, não é possível afirmar que houve leitura.

De acordo com o ponto de vista psicológico, a criança deve estar “pronta” para ler e escrever, por volta dos seis sete anos de idade. Quando pressupõe-se que a mesma deverá ter a percepção viso-motora igual à do adulto. Deverá ter tido um treinamento em diferentes áreas específicas como: orientação espacial e temporal, coordenação motora, percepção, domínio da linguagem e lateralidade.

Vygotsky defende que desenvolvimento e aprendizagem não acontecem de forma isolada, um depende do outro, porém há uma distinção entre aprendizagem e desenvolvimento interno, pois quando o desenvolvimento atinge o nível real, o aprendizado atinge o potencial, estando este sempre à frente daquele. Com isso indica dois níveis de desenvolvimento: o desenvolvimento real, que corresponde a tudo que a criança realiza e pode fazer sozinha e o desenvolvimento potencial que está além do desenvolvimento real. Isto é, a criança pode aprender, conforme seu processo de maturação e diante da interação com mediadores, parceiros mais experientes. As interações são internalizadas ou reconstruídas, tornando a criança apta a realizar as atividades sozinha.

Ainda de acordo com a psicolinguística, atuando na zona de desenvolvimento proximal do estudante, que é a distância entre a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento potencial, o educador deve avaliar sempre o que o aluno traz em sua “bagagem”, e o ensino deve ser útil e criativo. A psicolinguística estuda o processo individual de aprendizagem das estruturas linguísticas relacionadas com atividade cognitiva. Abud(1987), voltando-se para a análise de problemas como a caracterização da maturidade linguística da criança para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Segundo Bacha (1969), não importa se o professor esteja usando um texto selecionado, próprio para o planejamento de um dia, ou uma combinação de diversos textos relacionados com o tema ou unidade de trabalho, os passos básicos par o ensino são os mesmos: preparação para a leitura do trecho; introdução do novo vocabulário; motivação para leitura; leitura silenciosa do texto lido; leitura oral, com fim específico; atividades relacionadas, para desenvolvimento de habilidades de leitura; atividades de enriquecimento para aplicação das ideias adquiridas.

Concluo apresentando um outro modo de e poder abordar sobre a leitura e sobre os livros.

### **SE OS LIVROS FALASSEM...**

*Por Favor:*

*Conserve-me limpo;*

*Deixe-me em lugar seco e seguro;*

*Leve-me para casa logo;*

Fale sobre mim a seus colegas”

### **Viajar pela leitura**

sem rumo, sem intenção.

Só para viver a aventura

que é ter um livro nas mãos.

É uma pena que só saiba disso

quem gosta de ler.

Experimente!

Assim sem compromisso,

você vai me entender.

Mergulhe de cabeça  
na imaginação!

Clarice Pacheco

## 5. A PESQUISA DE CAMPO

### 5.1 A ESCOLA MUNICIPAL AUSTRICLIANO DE CARVALHO

Para ampliar as reflexões sobre o que estudo, me desloquei para uma escola. A escolhida foi a Escola Municipal Austricliano de Carvalho. Ela fica localizada na Rua Candinho Fernandes nº 319 Na Fazenda Grande do Retiro. Ouvindo a diretora da escola, anotei informações que seguem:

O nome da escola é uma homenagem ao Dr. Austricliano de Carvalho, um dos mais reputados engenheiros civis da Bahia e que muito trabalhou para o desenvolvimento da rede ferroviária da Bahia e estados vizinhos. Nasceu em Alagoinhas, onde seu pai negociava, e fez os seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, formando-se em Engenharia Civil em 1879.

Desde então, tomou parte em numerosos trabalhos de Engenharia na Bahia e no Norte. Fiscalizou, como representante do governo, a construção da Estrada de Ferro de Alagoinhas a Juazeiro, com 400 quilômetros de extensão. Foi depois para Pernambuco, como engenheiro da Estrada de Ferro Central daquele estado.

Aceitou, em seguida, a gerência da Estrada de Ferro Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte. Em Sergipe, construiu a linha de Aracaju a Simão Dias, e depois voltou para a Bahia, onde, com o dr. Alencar Lima, se tornou arrendatário das estradas de ferro estaduais. Aí permaneceu durante oito anos, fazendo neste período a construção da Centro Oeste da Bahia.

Depois tornou-se empreiteiro geral do prolongamento da Timbó a Propriá. Além das ocupações da sua profissão, Dr. Carvalho desempenhou papel saliente na política baiana. Durante dois anos exerceu o mandato de deputado estadual, e depois, se projetou no cenário nacional, tornando-se, durante nove anos, o de senador.

Ao estudar a relação entre o nome dado à escola e a homenagem feita ao engenheiro, percebo que não existem critérios técnicos. O nome da escola era outro. Resolveram adotar esse nome, quando da mudança do nome mesma, da rua Austricliano de Carvalho, localizada entre o bairro de São Caetano e o Largo do Tanque, para a ladeira do Candinho Fernandes, na Fazenda Grande do Retiro.

Portanto, não há outra questão, a não ser, talvez a de facilitar a localização da escola.

Do ponto de vista dos aspectos físicos e estruturais da escola, relacionando o que dizem a LDB, e os PCN, considero que há adequação, em alguns aspectos. A escola, funciona nos três turnos. Possui 371 alunos, e o seu corpo diretivo é formado por uma diretora, uma vice-diretora, uma coordenadora que trabalha no turno da noite, uma secretária, 15 professores e mais 9 funcionários que são distribuídos entre os serviços gerais, merenda e vigilância.

Segundo a diretora, a escola segue a linha de pensamento construtivista. A citada escola está com a sua estrutura física comprometida; sua situação é muito precária. Por essa causa, as suas turmas estão divididas em dois prédios. Duas salas funcionam neste local, com as séries do 1º e 5º ano. E outras três, com as turmas do 2º, 3º e 4º, na mesma rua em outra casa adapta para funcionar como escola. Essa situação acaba por refletir na avaliação dessa escola, conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Em 2010, o índice foi de 3,6 e está abaixo da meta nacional que é de 4,2.

A primeira sala do prédio onde foi feita a observação, a do 5º ano, é de tamanho razoável, mas a do 1º ano é muito apertada. Por estimativa, arrisco dizer que deve ter uns dois metros de largura, por quatro de comprimento. Nesta sala, ficam quatro armários, as carteiras amontoadas; umas coladas às outras e uma mesa com os objetos da professora.

Não se pode chamar de uma sala de aula de verdade, pois não oferece o mínimo de conforto aos alunos, para estudar e nenhuma dignidade ao professor, para exercer a sua profissão. Além dessas duas salas de aula, existe uma outra onde funciona a Diretoria/Secretaria, uma copa/cozinha logo na entrada; a sala dos professores é uma área que parece ser a sala de jantar da casa, um banheiro, mais dois cômodos que estão desativados por não apresentarem condições de uso.

A série por mim observada foi a de 1º ano do ensino fundamental. A turma possui 21 alunos, com faixa etária que varia dos 6 aos 11 anos de idade. Sendo que: quinze alunos tem anos, cinco alunos tem sete anos e uma aluna 11 anos.

A situação da escola preocupa todo o seu corpo diretivo, que busca junto ao poder público as melhorias para a mesma. Com relação à merenda, após a visita de jornalistas, e depois de uma denúncia feita pelos mesmos, chega ao alunos todos os dias. Pelo menos nestas duas semanas em que eu estava presente!

Como a minha observação estava voltada às práticas de leitura e escrita, retomei as considerações teóricas que me poderiam auxiliar e, por isso, compreendi, à primeira vista que a maneira como a escola trabalha está visando o desenvolvimento da leitura e o contato com a escrita no processo de aquisição do código alfabético, desses alunos que estão sendo introduzidos nesse mundo desconhecido, difícil e complexo. Está de acordo com O PCN que informa o seguinte: O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. É com essa perspectiva que o documento de Língua Portuguesa está organizado, de modo a servir de referência, de fonte de consulta e de objeto para reflexão e debate. Passo, agora, às observações realizadas.

## 6. AS OBSERVAÇÕES

As observações realizadas na Escola Municipal Austrícliano de Carvalho, no turno vespertino, no período de 30/05/ a 11/06 de 2011 estão de acordo com os critérios estipulados pela professora Lícia Beltrão, orientadora deste trabalho.

Ao observar algumas aulas no primeiro ano do Ensino Fundamental, percebi que professora não se deteve apenas ao livro didático, ou seja, ela trabalhou com outros diferentes tipos de textos “complementares”. Trabalhou bastante a linguagem, dedicando-se à escrita e à leitura.

No que diz respeito à concepção de leitura, a educadora- alfabetizadora é categórica em afirmar que, para ela, a leitura é fundamental, para a compreensão e o desenvolvimento intelectual do ser humano. Quanto à escrita, considera parte integrante da leitura e muito importante para a aquisição do código alfabético.

Foi observado também, que é dada oportunidade a todos. Os alunos têm a liberdade para conversar e perguntar sobre qualquer assunto que tiverem dificuldade para entender. Isso está de acordo com Carvalho (2002) que considera a compreensão o objeto essencial da leitura.

Uma das maiores preocupações da professora é que alguns alunos não conseguem acompanhar os outros colegas. Observei também que é trabalhada a questão da interdisciplinaridade.

Em todas as aulas, os assuntos de estudo conseguiam recair na linguagem.

Segundo depoimento da professora, as meninas são melhores em Português e os meninos, Matemática. Todos os dias a lição era tomada. Notei que algumas crianças escrevem de forma espelhada, outras trocam as letras b por d m por n e às vezes fala m l em vez de n. Também foi visível o avanço que tiveram nessas duas semanas.

Mas como a professora conhece bem seus alunos, respeita o limite de todos, o tempo de aprendizagem cada um e as dificuldades por eles enfrentadas, está conscientes que uns já estão preparados outros levarão mais tempo para alcançar este êxito. Também está ciente que, ao longo do processo, isso poderá mudar e que cada um dos seus alunos conseguirá atingir os objetivos esperados.

Como observado, nestes dez dias, creio que esse pensamento da professora Conceição será realizado de acordo com as expectativas da mesma.

Após explicar um determinado assunto, abre um espaço para perguntas e discussões e, às vezes, a própria faz perguntas relacionadas ao tema apresentado. O raciocínio dessas crianças é surpreendente.

Em seu livro, *A concepção da escrita pela criança* Kato(1992, p 15), expõe suas ideias relacionadas ao conhecimento sobre a escrita que as crianças já demonstram, antes de ingressarem na escola. Demonstrando em seu trabalho quanto a criança “pré-escolar” e a “recém-alfabetizada”(terminologia usada na época da publicação do livro) sabem sobre o uso que se faz da escrita na sociedade, através de tarefas de identificação do tipo de portador de texto para um tipo de mensagem, ou o tipo de mensagem em determinado portador de texto.

Numa das aulas ministradas, a professora lançou algumas perguntas sobre o meio ambiente. Para isso, utilizou a imagem de um espaço não modificado pela ação humana. Era uma fazenda bem aos tempos antigos. Primeiro pediu que os alunos indicassem o nome de cada figura que eles conheciam e estavam fazendo parte do cenário da fazenda. Depois, perguntou o que eles achavam daquela imagem. Nesse caso, entendi que estavam fazendo uma leitura daquele ambiente representado. Os alunos foram ativos, participaram da dinâmica, respondendo a todas às perguntas. A segunda atividade foi pedir para que eles desenhassem as coisas que deveriam ser feitas para que o “Meio Ambiente” não fosse destruído. Compreendendo a atividade do ponto de vista de Kato(1992, p.15) , posso dizer que: *No momento em que a criança define um portador de texto como um objeto que serve para ler, podemos supor já ter descoberto alguns dos usos da escrita.*

O resultado obtido foi interessante: as crianças se dedicaram muito, os desenhos foram bastante criativos, usaram todo vocabulário de leitura que até então eles tinham. Nesse sentido, foi possível observar que as crianças elaboram as suas ideias e, depois, seguiram na experimentação dos seus conhecimentos. Tornando um sucesso a experiência, em uma aprendizagem onde foi construída a representação de si mesmo. Nesse sentido, a criança se torna alguém capaz de aprender, mesmo achando muito difícil, ela persevera e segue em frente.

## **6.1 Interação da criança com o texto**

O aluno que lê, segundo Kato (1992, p 15), é capaz de tecer uma crítica, emitindo um juízo acerca dos fatos, é capaz de distinguir o que é verdadeiro e o que é falso, a realidade da fantasia, o possível do impossível. O que escreve pode se comunicar com alguém ou até mesmo expressar seus sentimentos, ideias, partindo do código escrito.

Ainda segundo (Kato 1992 p.15), dois elementos podem ser observados nos atos de leitura: a pessoa que lê e o objeto que está sendo lido. Porém, para que um ato de leitura esteja sendo efetivado, é necessário que a pessoa atue de determinada maneira sobre o objeto de modo que os sinais externos de realização do ato possam ser captados como identificadores do processo de leitura. O leitor, além de interpretar os índices da ação de ler, precisa identificar o objeto com o qual está interagindo, como algo que pode ser lido ou algo que serve para ler.

Sendo assim, é presumível que, para se alcançar uma compreensão do texto através de sua leitura crítica, é necessário que se perceba as relações entre o texto e o contexto, valorizando-se o leitor.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) no seu artigo 31, no inciso I, determina como objetivo do Ensino Fundamental a formação do cidadão mediante: o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

## **6.2 A família como fator determinante**

A família tem uma dimensão muito considerável no desenvolvimento da criança que está aprendendo. As condições são necessárias para que o aluno possa vir a construir uma imagem do objeto constituída de elementos inerentes ao próprio objeto. Através do ato, é que nasce na criança a compreensão da leitura. Portanto, não é a compreensão que gera o ato.

Uma das principais dificuldades com a qual a professora se depara, é a falta de apoio dos familiares dos seus alunos. Segundo a mesma, muitas famílias não acompanham o andamento das crianças, no desenvolvimento das atividades

escolares. Ainda segunda a mesma, as crianças que têm os seus pais presentes em seu desenvolvimento escolar, aprendem mais rápido que aquelas que têm os pais ausentes. Dessa forma, a família é vista como um fator determinante no processo de aprendizagem das suas crianças. Sobre isso, Evaristo (1989) *comenta que todo o desenvolvimento de cada inteligência é evidentemente dominado pelo lugar e pela época onde se realiza a aprendizagem.*

Segundo Evaristo, ainda, (1989, p. 176) as leis do entendimento refletem-se necessariamente em todas as pesquisas que ele realiza. Já que o verdadeiro desenvolvimento teórico só pode ser coletivo, não se pode bem apreciar a ciência intelectual senão a identificando com a sociologia propriamente dita. Qualquer apreciação real das leis mentais, pertence, portanto, ao estudo positivo do conjunto do desenvolvimento da humanidade. Mas, reciprocamente, a sociologia e reduz essencialmente à verdadeira ciência do entendimento, porque, o estudo, estático ou dinâmico, do espírito humano compreende tanto o exercício da razão prática quanto o surto da razão teórica.

A direção suprema da educação, quer geral, quer especial, mas sobretudo da primeira, tomando esta palavra em sua acepção mais extensa, fazendo-a significar, como é correto, o sistema completo de idéias e de hábitos necessários à preparação dos indivíduos para a ordem social na qual devem viver, e para adaptar, tanto quanto possível, cada um deles a objetivo particular que aí deve desempenhar. (EVARISTO 1989, p.176)

## 7. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Obsevando as medidas tomadas pelo Governo Federal em conjunto com o MEC, no intuito de reverter a situação pela qual vem passando o ensino da leitura e da escrita e que culminou com o estabelecimento da Provinha Brasil pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), tendo sua primeira avaliação aplicada em abril de 2008, tendo seu principal intuito, contribuir com a educação formal para a alfabetização, dá para se fazer uma reflexão da realidade sobre os desafios na área do ensino de leitura no Brasil. Talvez seja o caso de se pensar sobre as concepções de leitura que os educadores e futuros educadores adquiriram durante a vida escolar e acadêmica.

No momento de escolha do tema da minha monografia de conclusão de curso, optei pela leitura e a escrita, considerando o lugar de sua aprendizagem que é a escola, com o objetivo de compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem, em uma classe de primeiro ano, já que considero que é nesse ano (série) escolar, onde as experiências sistematizadas vão acontecer e é de enorme importância o acesso da criança ao mundo da leitura. Como a compreensão exige reflexão, associo a esse objetivo outro: o de fazer reflexões sobre a leitura e escrita relacionadas com as questões pedagógicas.

A observação feita na escola Austricliano de Carvalho forneceu meios para eu refletir sobre as concepções e prosseguir em busca de outros dados que me permitam fazer reflexões a mais sobre como está sendo e como deve ser encaminhado o processo do ensino da leitura em sala de aula.

Considerando os meus objetivos posso dizer que os primeiros estudos sistematizados neste trabalho me forneceram subsídios para repensar sobre as concepções de leitura adquiridas pelos educadores campo. Os demais que envolveram a pesquisa de campo para constatar a leitura no seu sentido mais realista, que permite um diferencial, entre o ser e o fazer educacional..

A escola precisa oferecer uma motivação diferenciada de indivíduo para indivíduo, para que os alunos aprendem a ler. Pois a leitura possui o sentido, que se diferencia de pessoa para pessoa. As famílias também precisam trabalhar em conjunto com a escola.

Em todas as escolas, deveria existir pessoas tão engajadas e que se sintam responsáveis com o ensino desses pequenos leitores. Pessoas que se unam

em prol de uma educação mais eficaz. E não casos isolados de professores que fazem a diferença. O país deixaria de carregar o estigma que carrega atualmente. O de país de não leitores.

Para que essas crianças passem a desenvolver um interesse saudável no prazer pela leitura e pela escrita, fornecendo-lhes o acesso e apoio dos seus mestres e pais, por meio do incentivo constante, é preciso que os livros estejam à sua espera para que possam se debruçar sobre eles e, assim, possam fazer suas viagens por mundos diferentes através da imaginação das fantasias.

“Para que o aluno possa despertar esse interesse pela leitura, é necessário que lhe seja apresentada uma série variada de literatura”, diz Bacha (1969). Nesse sentido e concordando com Bacha (1969), não importa o método a ser empregado, mas, sim, a eficácia, da escolha do texto do gênero, que é dependente também da coerência que existirá entre o plano pedagógico e a língua a ser ensinada. Se o aluno tornar-se capaz de ler e de dar outro significado para o texto que está lendo, então está havendo uma interação entre ele e o texto e entre o autor e o aluno leitor e, conseqüentemente ocorrendo uma aprendizagem, visto que o aluno em questão é capaz de agir/refletir/agir, deixando de ser, apenas mais um mero aluno copista. É um estudante que pode construir e reconstruir o seu próprio texto. Mas é imprescindível que o educador compreenda que a alfabetização não é uma tarefa exclusiva do 1º ano, e sim que se constitui em um processo contínuo que seguirá por toda a vida escolar do estudante.

Enfim, quando a criança descobre o prazer de ler, então, ela está dando o primeiro passo para se tornar um leitor, não importando a idade que tenha. E na busca pelo incessante conhecimento de vida, ela se depara com os sentimentos mais simples das pessoas que a rodeia. Nesse sentido, tudo o que a criança mais quer é atenção e apoio.

Também constata-se o descaso público com a escolaridade das nossas crianças. Isso é facilmente observável em outras escolas que se encontram em situação semelhante. Se ler é um ato democrático, então, este país precisa repensar os seus atos praticados com a educação, libertando a escola desse terrível emperramento forçado por certas políticas educacionais.

Ao concluir meu estudo monográfico, percebo que compreendi mais a natureza dos objetos escolhidos para pesquisar. Percebo também que devo prosseguir, estudando, lendo e escrevendo, me habilitando mais e melhor para ser a

professora a professora das crianças por quem reivindico a alfabetização, o letramento, o acesso adequado ao mundo da escrita.

## REFERÊNCIAS

ABUD, Maria José Milharezi. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial de escolarização**. São Paulo: EPU, 1987. (Temas básicos de educação e ensino).

BATALHA, Elisa. **O Abecê da escrita. História**. Colaboração: COLONESE, Paulo Henrique - Parque da Ciência / Museu da Vida. , [www.Invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sye/start.htm?infoid=911&sid=7](http://www.Invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sye/start.htm?infoid=911&sid=7) - 27k. Consultado em 02/05/2011.

BACHA, Magdala Lisboa. **Desenvolvimento da leitura na escola primária**, Ao livro técnico S.A. Rio de Janeiro/Brasil. 1969.

BRASIL.MEC. **Projeto pró-leitura na formação do professor**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: 1997.**

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa / Francisco da Silveira Bueno: colaboração de PECORARO, Dinorah da Silveira Campos, PECORARO, Goglio, BRESSANE, Geraldo. Rio de Janeiro: FAE, 1985.**

CAGLIARE, Luiz Carlos. **ALFABETIZAÇÃO & LINGÜÍSTICA**. Pensamento e Ação no Magistério..São Paulo: Editora Scipione, 2002.

CAIADO, Elen Cristine M. Campos. **A história da educação no Brasil**. Brasil escola - <http://www.educador.brasilecola.com>. Consultado em 12/05/2011.

CARABAJAL, Mário. **Síntese Histórica do Surgimento e Evolução da Escrita**. [www.academialetrasbrasil.org.br/histescreta.htm](http://www.academialetrasbrasil.org.br/histescreta.htm). Consultado em 27/06/2011.

CARVALHO, Marlene. **Guia práctico alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2002.

CASTILHO, Ataliba . de. – **Políticas linguísticas no Brasil**. O caso do Português Brasileiro/Ataliba T. de Castilho. Campinas. São Paulo: Contexto, 2003.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. / Émile Durkheim. São Paulo. Melhoramentos. 1973.

VICENTE Martins. **EDUCAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO de 1988**: O artigo 205. [www.direitonet.com.br/artigos/.../Educacao-na-Constituicao-de-1988-O-artigo-205](http://www.direitonet.com.br/artigos/.../Educacao-na-Constituicao-de-1988-O-artigo-205). Consultado em 20/05/2011.

Programa além das letras. **Entrevista com a psicóloga** Telma Weisz em 2007. [www.alemdasletras.org.br](http://www.alemdasletras.org.br). Consultado em 6/6/2011.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Emilia Ferreiro e Ana Teberosky: tradução de Diana Myrian Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FILHO, Evaristo de Moraes. **Auguste Comte. Sociologia** . São Paulo: Ática, 1989.  
FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler/** Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 .

FRETAIG, Barbara. **O indivíduo em formação**: diálogos interdisciplinares sobre educação / Barbara Fretaig. – 3. ed. – São Paulo : Cortez, 1994.

KATO, Mary A. **A Concepção da escrita pela criança**. Campinas, SP : Pontes, 1992.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore G.V; TRAVAGLIA, Luiz C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez. 1997.

KRAMER, Sônia. **A importância da leitura e da escrita**. [www.presecapedagogica.com.br/capa6/artigos/31.pdf](http://www.presecapedagogica.com.br/capa6/artigos/31.pdf). Consultado em 11/2/2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

**LÍNGUA PORTUGUESA**: Ensino de primeira à quarta série., <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos>. Consultado em 15/5/2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Carlos Bendito. **A pluralidade dos mundos e das condutas sociais**: a contribuição de Bourdieu para a sociologia da educação. Em aberto, Brasília ano 9 nº 40, abr. jun.1990.

MARTINS, Vicente. **A guerra dos métodos na alfabetização**. Vicente Martins, 2008. [www.palavrastodaspalavras.wordpress.com/2008/...a-guerra-dos-metodos-na-alfabetização-por-vice-martins](http://www.palavrastodaspalavras.wordpress.com/2008/...a-guerra-dos-metodos-na-alfabetizacao-por-vice-martins). Consultado em 12/09/2008.

MARTINS Vicente. **Educação na Constituição de 1988**: O artigo 205. [www.direitonet.com.br/artigos/.../Educacao-na-Constituicao-de-1988-O-artigo-205](http://www.direitonet.com.br/artigos/.../Educacao-na-Constituicao-de-1988-O-artigo-205). Consultado em 19/2/2011.

MEC. **1.Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua portuguesa** : Ensino de primeira à quarta série. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. – Brasília : 144p. ...[portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf) – Consultado em 5/5/2010.

MEC. **Provinha Brasil**. <http://provinhabrasil.inep.gov.br>. Consultado em 23/3/2011.

ORLANDI, Eni Puccinelle. **A leitura e os leitores** (Organizadora). – Campinas, São Paulo: Pontes 1990.

PENSADOR. Poesias infantis de Clarice Pacheco. <http://pensador.uol.com.br/> Consultado em 25/4/2011.

PIMENTEL, Gilka Silva. **Os Fenícios e a escrita alfabética**. Co-autor Maria da Conceição de Oliveira Andrade., portal do professor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.Html?aula... Consultado em 3/1/2011.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Alfabetização e letramento**. Refletindo sobre as atuais controvérsias. Lúcia Lins Browne Rego, 2006. portal.mec.gov.br/seb. Consultado em 22/8/2007.

SALAMANDRA. **O piquinique do Catapimba** – <http://lereescrevercerto.blogspot.com/os-portadores-de-texto>. Consultado em 11/3/2011.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. (artigo/cadernos de pesquisa, nº 52), 1985.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: caminhos e descaminhos e descaminhos**. Um olhar histórico sobre a ...162, maio de 2003; no plano pedagógico, porém... [www.scribd.com/.../Artigo-Alfabetizacao-e-Letramento-Magda-Soares1](http://www.scribd.com/.../Artigo-Alfabetizacao-e-Letramento-Magda-Soares1)

Wikipédia – a enciclopédia livre. <http://pt.wikipedia.org>. **História da leitura**. Categoria: Linguística. Consultado em 3/1/2011.

Wikipédia – a enciclopédia livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita>. Consultado em 3/1/2011.

Wikipédia—a enciclopédia livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pré-história>. Consultado em 3/1/2011.

Wikipédia – a enciclopédia livre. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita\\_cuneiforme](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_cuneiforme). Consultado em 3/1/2011.